

## RAZÃO E SENSIBILIDADE: A ENCARNAÇÃO DA FILOSOFIA EM LUDWIG FEUERBACH

[REASON AND SENSITIVITY: THE ENCARNATION OF PHILOSOPHY IN LUDWIG FEUERBACH]

*Kelvin Amorim Melo\**

*Draiton Gonzaga de Souza\*\**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**RESUMO:** Ludwig Feuerbach desenvolveu em sua filosofia inúmeras críticas ao pensamento filosófico de sua época como também às religiões, mas especialmente o cristianismo que era aceito como doutrina religiosa por boa parte da Alemanha. A crítica feuerbachiana tanto a filosofia especulativa alemã quanto a religião emergem da necessidade da instauração de uma nova filosofia, de uma filosofia da sensibilidade fundamentalmente humana. Assim, esse trabalho teve como objetivo central discutir a proposta de Feuerbach sobre a proposta de uma Nova Filosofia, que tem como fundamento a sustentação do ser humano como uma entidade real e absoluta em suas contradições e qualidades. Utilizamos comentadores e estudiosos do pensamento de Feuerbach tais como Chagas, Serrão, Souza, Lima-filho e outros para que fosse possível discutir o problema aqui desenvolvido. Através dessa pesquisa foi possível concluir que a questão de uma incorporação da filosofia tem com propostas fundamentais a possibilidade de reconciliação entre razão e natureza, individualidade e comunidade enquanto processos de humanização da razão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feuerbach; Sensibilidade; Nova Filosofia; Humanidade; Razão

**ABSTRACT:** Ludwig Feuerbach developed within his philosophy numerous criticisms of the philosophical thought of his time as well as religions, but especially Christianity that was accepted as religious doctrine by much of Germany. Feuerbachian criticism of both German speculative philosophy and religion emerge from the need for the establishment of a new philosophy, a philosophy of fundamentally human sensitivity. Thus, this work had as its main objective to discuss Feuerbach's proposal on the plan of a New Philosophy, which is based on the support of the human being as a real and absolute entity in its contradictions and qualities. We used commentators and scholars of Feuerbach's thought such as Chagas, Serrão, Souza, Lima-filho and others to discuss the problem developed here. Through this research it was possible to conclude that the question of an incorporation of philosophy has with fundamental proposals the possibility of reconciliation between reason and nature, individuality, and community as processes of humanization of reason.

**KEYWORDS:** Feuerbach; Sensitivity; New Philosophy; Humanity; Reason

\* Bolsista CNPq. Mestrando em *Ética e Filosofia Política com ênfase em Fundamentação da Ética em Ludwig Feuerbach* pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/CNPq). Participante do Projeto de Pesquisa "Ludwig Feuerbach e Pensamento Pós-hegeliano" (GPELF). E-mail: [kelvin.melo@edu.pucrs.br](mailto:kelvin.melo@edu.pucrs.br). \*\* Doutor em Filosofia (Universidade de Kassel, Alemanha) e em Direito (UFRGS). Pós-doutorado na Universidade de Tübingen (Prof. Dr. Otfried Höffe) e no Hegel-Archiv, da Universidade de Bochum (Prof. Dr. Walter Jaeschke), como bolsista da Fundação Alexander von Humboldt. Recebeu, em 2003, prêmio do DAAD, e, em 2013, da Fundação Alexander von Humboldt (Humboldt-Alumuni-Preis) devido ao engajamento na cooperação acadêmica Brasil-Alemanha. É Professor Titular e Decano da Escola de Humanidades da PUCRS. Professor Permanente no PPG em Filosofia, no PPG em Direito e no PPG em Ciências Criminais da PUCRS. E-mail: [dsouza@pucrs.br](mailto:dsouza@pucrs.br)

O coração acha beleza até na vergonha, no ideal de Sodoma, que é o da imensa maioria.  
Conheces esse mistério?  
É o duelo do diabo e de Deus, sendo o coração humano o campo de batalha.  
Ora, fala-se daquilo que faz a gente sofrer. Vamos, pois, ao fato.  
(Os irmãos Karamazov – Fiodor Dostoievski)

## 1 INTRODUÇÃO

Foi na Modernidade que a dinâmica entre os poderes dogmáticos da igreja e a sua relação com a racionalidade humana começaram a ficar abalados, visto que o modelo de sociedade vivido até então na Idade Média, tinha como crença concepções teológicas da existência dos humanos e do mundo como criação de um ser transcendente a materialidade, a sensibilidade. Os três golpes dados à constituição comunitária e subjetiva da humanidade provocados em distintos momentos históricos ocasionou novas compreensões acerca da concepção da pluridimensionalidade do indivíduo e suas relações na comunidade.

Citemos dois exemplos marcantes desse momento destacado como Galileu Galilei (1564 – 1642) ao verificar que o planeta Terra não era o centro do universo, teoria que ofendia os ideais criacionistas e com Charles Darwin (1809 – 1882) em sua obra mais conhecida *A origem das Espécies* (1859) ao defender que a natureza é “resultado” de um processo natural evolutivo.

A crítica ao sistema religioso o penetrava em dois principais aspectos: a) a perda do domínio político-social por conta de sua influência ao falar pela boca de Deus e por b) centralizar o humano como ser livre e autônomo possuidor de uma subjetividade própria elaborada no interior da sociedade. Assim, a busca pelo rompimento do vínculo dominante das instituições religiosas quanto pela liberdade existencial através do distanciamento de Deus foram peças fundamentais para que as concepções humanas perdessem seu domínio teológico tanto político-social quanto individual.

Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) através de sua filosofia *a-metafísica*, nos apresentou com grande maestria a origem psicológica da religião como a existência de uma consciência objetivada através de uma representação imagética superlativa das características humanas desejadas pelos indivíduos. Assim, na proposta feuerbachiana a relação do homem com Deus passa a se tornar a relação dos seres humanos através e pelo humano enquanto ser sensível e que possui realidade efetiva.

O iluminismo (*Aufklärung*), período que teve seu início no final do século XVII é conhecido como precursor de grandes transformações à humanidade por sua ruptura com a dominação do conhecimento teológico. O *Aufklärung* buscou fundamentação do conhecimento humano erguido e guiado somente pela luz da razão sem as contradições lógicas do pensamento comum, religioso. Em virtude disso, o poder esclarecedor da Razão tornou-se a única categoria de investigação de conhecimento confiável da verdade objetiva. A ascensão do conhecimento racional também trouxe grandes verdades libertadores para o homem moderno, ao retornarmos para a compreensão dos direitos e deveres do homem enquanto indivíduo vivente em sociedade.

Assim, Zilles (2002, p. 11-12) afirma que “o iluminismo representa antes de tudo, um processo de emancipação” para a humanidade. Assim, foi durante esse período de alavancagem do pensamento pautado na *ratio* que se desenvolveram as ideias mais profundas acerca das noções de liberdade, moralidade, ética, responsabilidade fundamentados unicamente no conhecimento obtido através da relação imanente entre os seres humanos.

Ludwig Feuerbach é um grande exemplo de intelectual que foi bastante

influenciado por pensadores do *período do esclarecimento* e trouxe novas e grandes contribuições para filosofia contemporânea e mostra seu grande trabalho ao ser amplamente discutido entre os pesquisadores acadêmicos brasileiros e estrangeiros tanto pela sua atualidade quanto pelo seu nível de profundidade de conhecimento teórico.

É através do problema sobre a sensibilidade e razão, ambos conteúdos tratados amplamente ao longo da filosofia de Feuerbach é que temos como pergunta central para ser desenvolvida nesse trabalho, a saber, qual a importância da sensibilidade para a construção de uma nova forma de filosofar proposto no pensamento de Feuerbach?

Assim, temos como objetivo geral discutir a proposta de Feuerbach sobre uma *Nova Filosofia* que tem como fundamento e sustentação a sensibilidade humana como uma entidade real e absoluta em todas as suas contradições e qualidades aderidas tanto pelo conceito quanto pela sensação. Sob essa nova perspectiva a intenção é a de reformar o sistema filosófico especulativo tradicional que desliga a transição dos conceitos gerais/universais de sua base singular sensível.

Designado pelo filósofo como a manifestação da teologia racionalizada, a filosofia é reinterpretada para que ocorra a afirmação e reconhecimento dos seres humanos, da comunidade e do sentimento enquanto imprescindíveis para as relações humanas e que os conceitos gerais, especialmente os sentimentais, possam fazer o movimento de ida e volta entre aquilo que é dito e o que é vivido, sentido na pele.

Para melhor compreensão do pensamento desse filósofo, também recorreremos a artigos e trabalhos de especialistas na área da filosofia feuerbachiana tais como Chagas (2021, 2015a, 2015b, 2014), Serrão (2014), Souza (2014, 2013, 1993) e Lima Filho (2021, 2018). Esses intérpretes foram imprescindíveis para a discussão aqui trabalhada visto suas posições filosóficas em relação ao pensamento de Feuerbach que ora se aproximam e ora se distanciam em alguns aspectos que serão tratados mais a frente nesse trabalho.

Percebe-se que o desenvolvimento teórico dos pensadores citados acima tem como ponto nevrálgico duas tentativas baseadas no pensamento de Feuerbach que tem como alvo a construção de duas conquistas teóricas desenvolvidas pelo filósofo: (i) a de rompimento com concepções teológicas na filosofia tradicional – negação da metafísica - e da (ii) exaltação da sensibilidade e da humanidade concentrada na vivência em comunidade, na relação com o outro – antropologia humanista.

No primeiro tópico se buscou discutir a relação entre sensibilidade e conhecimento onde a sensibilidade enquanto objeto mediador da experiência individual, e da razão a qual “regula” o conhecimento obtido através da sensibilidade. Ao instaurar a possibilidade da encarnação da filosofia na esfera da comunidade humana e na vivência real, buscamos também compreender sob que aspectos a filosofia tradicional e a teologia influenciaram as concepções que temos na atualidade sobre a relação entre sensibilidade individual e sentimento.

No segundo tópico tentamos compreender a noção de egoísmo e subjetividade na filosofia de Feuerbach, considerando sua posição a respeito do tema central da individualidade junto de sua autopreservação e busca por sentimento. Nesse sentido, a construção desse posicionamento de defesa da existência do sentimento de um instinto de felicidade egoístico, que precisa estar em consonância com as individualidades que constituem a comunidade. Torna-se crucial para entender sob quais aspectos o egoísmo e a individualidade podem ser utilizados positivamente às relações humanas.

No terceiro e último tópico tratamos sobre a relação da comunidade como efetivação da essência humana junto a relação com o outro. Feuerbach

## 2 NATUREZA E RAZÃO: SOBRE A QUESTÃO DA SENSIBILIDADE

A questão da natureza, sensibilidade e da razão perpassam por parte da obra de Feuerbach, ora com menos intensidade em seus escritos iniciais atravessando uma “metafísica do concreto”, ora com mais ênfase em seus escritos tardios afirmando a sensibilidade como instância primeva da mediação entre intuição sensível, pensamento e conhecimento. Assim, a sensibilidade é a forma ampliada da intuição sensível através da junção de suas várias impressões unidas ou afastadas impressas pelo pensamento através do reconhecimento dos objetos.

A essência humana descrita por Feuerbach como sendo razão, vontade e sentimento são faculdades pessoais do indivíduo, mas dentro das limitações de sua sensibilidade. A essência humana contida no gênero se concretiza na comunidade, visto que é na relação com o outro real, ou seja, com a diferença que estabeleço a vivência efetiva de um Eu verdadeiramente (i)limitado pelos Outros aos quais tenho para o meu Eu-Tu individual, como inúmeras fragmentações do próprio Eu-tu coletivo que quando reunidas converte-se Nós.

O Nós, que dimensiona a reconstituição dos eu’s-tu’s que estão em relação constante em sociedade, e por isso é impossível falar apenas de um Eu Único, pois este ultrapassa a individualidade apenas pela quantidade de indivíduos, mas não pela qualidade de suas determinações que os constituem como humanos. A sensação é um conceito primordial tratado em relação a essa unidade humana, visto que a sensação é “solitária”, mas o sentimento é comum entre os humanos.

Serrão (1998, p. 121), ao explicitar o conceito de sensação tratado por Feuerbach, que ao retomar a posição da sensibilidade para o terreno humano, promoveu o desenvolvimento do ser enquanto entidade que passa pela sensibilidade não somente do indivíduo, mas também do coletivo para o reconhecimento do sensível enquanto mediador do sentimento. Assim, afirma que:

A sensação torna-se a bitola, o critério de aferição por excelência, dos modos do legítimos do pensamento verdadeiro enquanto pensamento concreto. *Na sensação há conhecimento metafísico por colagem, contacto, aderência, mas não cognição e linguagem.* Não por ser enganadora, mas por encontrar o ser concreto, singular e inefável, a sensação sozinha não fornece conhecimento. É na intuição sensível não falsificada, objetiva do Sensível que o ser é apreendido e resguardado como presença.

Para Chagas (2021) alguns pensadores como Schuffenhauer, Cornehl, Reitemeyer, Schimidt, Jessin, Höppner, Tomasoni, Hüsser escreveram seus livros a respeito desse problema na obra de Feuerbach. Enquanto Cornehl e Reitemeyer se limitaram aos seus escritos de juventude nos anos 1830, onde Feuerbach tentou a superação entre as concepções panteístas e o dualismo entre espírito e natureza. Já Schimidt, Jessin, Höppner voltaram-se para o problema da natureza de Feuerbach até Marx nos anos de 1839-1842. Enquanto isso, Tomasoni e Hüsser trataram dos escritos tardios de Feuerbach, nas obras a partir de 1846, quando publicou *A Essência da Religião*.

Feuerbach teve como foco de sua pesquisa o conceito de natureza tratado desde o período juvenil da década de 1830 até os seus escritos de maturidade para que assim fosse compreendido o desenvolvimento interno da filosofia feuerbachiana no que tange aos conceitos de natureza que foram tratados ao longo de sua literatura. A natureza, assim, aqui é concebida por Feuerbach como sendo aquilo que não depende do querer ou do pensamento humano, mas como um ser autônomo e que a vontade humana sobre

ela não a transforma pelo *mero pensar* contemplativo.

Embora não haja, em Feuerbach, nenhuma concepção uniforme, homogênea e inequívoca da natureza, é-nos permitido constatar o seguinte: a referência à autarquia, à autonomia da natureza (*Selbständigkeit der Natur*) é o fundamento da crítica, ou melhor, o cerne da *reaktion* e *konfrontation* feuerbachiana ao teísmo e ao idealismo, que se desdobra em três diferentes fases de desenvolvimento: 1. como aproximação crítica ao panteísmo (identidade da natureza com Deus), 2. como recusa direta à teologia cristã e à filosofia hegeliana (a natureza como criação de Deus ou como *deduktion* do espírito) e 3. como crítica parcial à religião da natureza (antropomorfização ou personificação da natureza) (CHAGAS, 2021, p. 54).

Assim, para Chagas (2015a, p. 05), “[...] a natureza material, que existe, em sua diferencialidade qualitativa, fora e independentemente do pensar, é frente ao espírito o primeiro, o originário”. Seria assim uma contradição conceber a existência de uma vontade anterior a realidade da coisa material, pois é no material ou sensível que eclode o querer e a vontade daquele que sente.

Uma ação é, pois, livre, quando ela acontece de acordo com as suas segundo suas determinações essenciais. A liberdade é entendida então como as capacidades que cada ser possui enquanto intrínsecas a sua possibilidade constitutiva material, sendo que um objeto só pode ser considerado livre quando a finalidade do objeto está em consonância com suas determinações naturais.

É somente livre a ação<sup>1x</sup> quando atua em concordância com sua própria determinação, e a determinação da essência do objeto deve dizer respeito as suas possibilidades de existência. Assim, ao passo que um rio cumpre a sua determinação de correr para o mar naturalmente, de uma pedra que é jogada para o alto, mas cai por questões puramente naturais. Uma pedra não perde sua liberdade por não conseguir flutuar, mas ao contrário, ao cair ao chão efetua sua condição de ser que possui uma massa, que naturalmente sempre cairá.

O momento histórico de Feuerbach o situava entre duas posições: numa delas se encontrava a exaltação do supranaturalismo com a teologia cristã e de outro a filosofia especulativa hegeliana<sup>2x</sup>. Ao seguir a defesa da sensibilidade enquanto matéria primordial para a compreensão humana ao afirmá-lo como ser real e pertencente a sua própria essência. Assim, destaca Feuerbach (2012, p. 21) que ergue sua filosofia “*num princípio de uma nova filosofia*, essencialmente diversas das até então existentes, correspondente à essência verdadeira, real e total do homem [...]”.

Conjugando a base ontológica e a orientação metodológica, a sensibilidade começa por oferecer uma visão do mundo sensível, reabilitado como existência plena e única realidade de que pode efetivamente partir uma filosofia que em qualquer um dos seus planos presta homenagem à vida e aceita o seu indiscutível primado (SERRÃO, 1995, p. 95).

Ao identificar o método hermenêutico utilizado por Feuerbach ao tomar a religião como fundamento para compreender o homem em suas diversas manifestações e formas de convivência consigo mesmo e com os outros. Afirma Chagas que:

A aceção antropológica de deus, isto é, A *reduktion* da teologia (*Theologie*) em antropologia (*Anthropologie*) ou da essência universal de deus na essência natural do homem é o ponto central em torno do qual gira a obra principal de Feuerbach, *A Essência do Cristianismo (Das Wesen des Christentums)*. (CHAGAS, 2014, p. 80).

Dessa forma, é visto que a proposta lançada por Feuerbach não tem como

objetivo primário a negação de deus ou da religião, mas sim em apenas reduzir o conteúdo da religião as prerrogativas dos seres humanos individuais e seu gênero, visto que ambas se relacionam entre si distinguindo-se apenas em gênero e espécie. O enaltecimento da individualidade se dá na compreensão de que o sentimento sensível, comunitário e real é o que mais satisfaz os humanos através da vivacidade dos sentimentos provocados por conta da relação com os outros, visto sua busca incessante por felicidade, ou pelo menos pelo menor nível de sofrimento.

Compreende-se que a identificação e descrição de que o Ser, o Real só pode ser aquilo que se manifesta corporalmente, que possui materialidade, aquilo que afeta dos sentidos. Trata-se do real enquanto sensibilidade na tentativa de restauração de um ser humano provido de humanidade é que Feuerbach “ao invés de um Espírito Absoluto, [...] prefere um homem absoluto [...]” (SILVA, p. 80, 2012) constituído de sua essência elaborada no seio da comunidade, na relação intersubjetiva real.

O pensamento do jovem Feuerbach emerge da confluência desta consciência simultânea do acabamento e do inacabamento da filosofia. Não brota directamente (*sic*) do interior do debate com outras doutrinas; é alimentado e estimulado pelas exigências de um confronto com a realidade extra-filosófica (SERRÃO, 1998, p. 32).

Assim, prossegue Feuerbach com a sua crítica tanto as religiões em geral, mas especialmente o cristianismo, e a filosofia hegeliana como forma de negação do pensamento que transcende o sensorial, ou melhor, que entende o sensorial pela abstração máxima do pensamento, isolado de todas as limitações humanas.

Quem pode imaginar alguma essência sem concebê-la ao mesmo tempo como uma entidade sensorial, mesmo que abandonando todas as limitações e características de uma entidade sensorial palpável? A diferença entre a essência de Deus e a das coisas é apenas a diferença entre o gênero e as espécies dos indivíduos (FEUERBACH, 2012, p. 134).

Para Feuerbach as instancias razão, querer e amar são características essenciais do gênero humano<sup>3x</sup>. Conhecer, ser livre e amar são sensações/sentimentos que demonstram a essência de todos os seres humanos, diferindo apenas em quantidade. A junção das limitações individuais experienciadas na natureza e a dependência humana frente a ela são postas numa razão genérica transcendente ao estatuto de personalidade corporal por não reconhecimento do não-Eu contido no Eu de forma dúplice, mas não partida.

Sendo a razão a unidade mesma dos homens, não poderia ela encontrar-se a não ser na imanência do mundo humano, único terreno em que se concretiza e tem o seu lugar de manifestação. E sendo essa unidade necessariamente também universal e infinita, não limitada por uma entidade superior nem afetada internamente por qualquer clivagem, é a própria totalidade dos homens incarnada no gênero humano que é elevada ao estatuto de realidade suprema e de única figura do divino (SERRÃO, 1998, p. 34).

De acordo com Lopes (2014), Feuerbach acentua que os humanos só possuem religião porque querem manter seu princípio de autoconservação, o que é comum a todo ser vivo. No entanto essa felicidade buscada, latente no cristianismo e em grande parte no Ocidente, é *transterrena*, pois o ser humano sabe às condições que a natureza o oferece, essa felicidade ilimitada é impossível na realidade natural, pois é pautada exatamente na impossibilidade de seu acontecimento promovido por vias naturais e guiados pela razão, no entanto, o que é impossível para o conhecimento racional é



possível para a fé depositada em deus. Deste modo, a recusa da razão em aceitar tais limitações são transformadas pela fantasia da imaginação do sentimento real num invertido das condições humanas relacionadas a questão do sentir.

Serrão (1998) afirma que Feuerbach não desconsidera a existência do caráter universal da razão que está posta na sensibilidade dos particulares, mas sua denúncia está centralizada no reconhecimento da existência dos sentimentos particulares elevados à universalização e que esses sentimentos são vistos como uma nova personalidade, fora de si e estranha. Isso vem a provocar a desestabilização da identidade de si, que só consegue ser conhecida através do Eu descaracterizado, ou seja, um não-Eu.

É na ideia de sensibilidade, encarnação e na humanização da filosofia que há a inversão da filosofia hegeliana. Ao conhecer primeiro o objeto sensível e aceitá-lo como um ente real e não apenas um ser existente no pensamento. Devem ser levadas em consideração a vida também enquanto orgânica, espiritual, mental para que assim seja possível o desenvolvimento da virtude entre os seres humanos. Feuerbach (2012) afirma que a virtude, também calcada na sensibilidade, só é possível quando existem condições básicas para o seu desenvolvimento, para a vida.

Lima Filho (2021) afirma que a hipótese desenvolvida por Feuerbach em relação a forma de conhecer o mundo está baseada na ideia de que existe a problemática entre o que *o termo designa e a sua correspondência material com a ideia*. As palavras não se referem as coisas em seu formato singular, mas apenas como representação genérica da coisa singular, que pode ser percebida através da sensibilidade do indivíduo e comunicada através da linguagem para os membros da comunidade.

A análise empreendida pelo autor a esse respeito nos aponta o aspecto nodal da questão: *o desejo humano para além da razão natural*. Nesse sentido, o próprio amor como princípio de reconhecimento da objetividade se transforma na imaginação religiosa em amor cristão, capaz de subverter a causalidade natural em prol do atendimento ao desejo individual na forma da graça (ALBERTI, 2005, p. 80-81).

Assim como afirma Aquino (2014, p. 248) que “essas *essentidades* não são propriedades que o homem possui [individualmente], mas, bem distintamente, são as determinações constitutivas da essência genérica que ele é”. Aquilo que os humanos sentem no íntimo de seu coração não é um sentido ou sentimento específico de um só ser, e é exatamente esse sentimento que é compartilhado por todos que faz a constituição da compreensão humana enquanto ser genérico.

O que caracteriza o homem é a sua consciência de limitação diante da natureza, pois ela é o limite do seu Eu, de sua personalidade que é necessariamente sensorial, que possui contato com a natureza e a sente. Mas se não há natureza sensível, ideia defendida especialmente pelo cristianismo sobre a concepção de individualidade de consciência pós-morte. Mas se não há sensibilidade também não há limites e se não há limites não há vontade, pois “a limitação da personalidade é a natureza” (FEUERBACH, 2009, p. 17) e a natureza, o sensível é responsável pelo querer.

É possível notar o destaque que Feuerbach dá para esse movimento dicotômico entre razão e sensibilidade dentro do sistema filosófico quanto do religioso. A natureza, é por assim dizer, o que mostra aos seres humanos suas maiores fraquezas e se apresenta através do conhecimento do ataque direto à sensibilidade através da dor. Aqui a natureza é compreendida com um *Ens* completamente independente da vontade humana, mas que pode ser aproveitado para o seu bem sem a necessidade de sua destruição.

A bifurcação encontrada no meio entre a razão e a sensibilidade encontram-se

elementos os quais de um lado estão os elementos sensível táteis, que podem ser experienciados pelo próprio corpo e de outro lado a existência do sentimento “abstrato” não como uma forma de sua redução até o concreto incompreensível, mas sim, na possibilidade de conversação e de diálogo sobre aquilo que é dito e aquilo que é realmente experimentado no sentimento.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A QUESTÃO DA INDIVIDUALIDADE EM FEUERBACH

Como visto anteriormente, a razão e a sensibilidade enquanto estruturas fundantes do Eu são dois tópicos de grande importância na filosofia de Feuerbach, visto que é a consciência do mundo através da sensibilidade que dá aos seres humanos a possibilidade de conhecê-lo através de sua sensibilidade. A questão da individualidade presume as capacidades corporais, orgânicas, sentimentais do indivíduo enquanto ser para si e para o outro uma personalidade que assume se assume enquanto indivíduo e reconhece no outro também uma outra individualidade que possui os mesmos princípios.

A personalidade é, para Feuerbach, um princípio excludente. Ao adorar a uma personalidade divina o homem esquece de si mesmo como um ser carente do outro homem. Na personalidade divina é festejada a centralidade do Eu. O Eu divino é absoluto, ilimitado, superior a tudo. Assim, a alteridade não é aquilo do qual a personalidade divina está dependente, já que ela está para além de qualquer determinação ou limitação (LOPES, 2016, p. 24).

Serrão (2014) afirma que em *A essência do Cristianismo* a crítica a religião se dá como um corte subjacente ao seu verdadeiro objetivo: o homem em sua perspectiva moral. É nesse sentido que a religião enquanto *patologia psíquica* e expõe o homem a ausência da consciência de si mesmo e dos outros, visto que própria percepção de um “eu” invertido, alienado, não se vê como autor da própria vida e de sua individualidade.

A religião, por ser a essência da consciência humana hiper objetivada, possui um aspecto de importância para os seres humanos como intuito de apoio ou suporte existencial. No entanto, essa tentativa solitária de contato consigo mesmo através do monólogo da relação hiper-objetivada da consciência apresenta a religião em sua essência falsa, ou seja, descaracterizada, inumana, externa, supernatural que não abrange as necessidades humanas. Os conceitos arrancados do mundo através da supressão de suas características naturais, reais recorrem a não adequação ao mundo como subterfúgio para sua existência. A não aceitação da realidade do mundo sensível e a sua transformação em um lugar de dor, contribuiu bastante para essa tentativa de fuga da razão natural.

Feuerbach adota uma posição não refutativa, mas hermenêutica, seguindo o método “genético-crítico” que pesquisa aqueles mecanismos da subjetividade que levam o homem à criação de uma realidade suprassensível povoada de entidades supra-humanas e regidas por leis que contrariam as do mundo natural (SERRÃO, 2015, p. 49).

Melo (2011) destaca que a existência de uma limitação individual leva os seres humanos a objetivação numa entidade transcendental, que não é nada mais que o reconhecimento da alteridade, mas de forma fantasiosa, *fictícia* como forma de revelação íntima da própria autonomia, mas por ser natural é um ser dependente. Aquilo que para um homem sozinho é impossível, para dois (ou mais) torna-se possível ao juntarem-se as pequenas forças individuais através da forma comum do sentimento, mas



que só pode ser experienciado pelo indivíduo enquanto ser vivo, ativo.

É importante destacar que a filosofia feuerbachiana não tem a pretensão de adquirir um caráter de subjetivismo absoluto, o qual apenas aquele que sente experimenta a coisa, mas sim precisamente pelo fato de que aquilo que é objeto da consciência tem como suposição alguma objetividade (SOUZA, 1994, p. 50).

Pode-se compreender o problema exposto por Feuerbach ao se considerar os aspectos da autenticidade da existência que desemboca em um rompimento com o ideal proposto pela “consciência objetiva” que ultrapassa o objetivo sensível no que concerne aos sentimentos divinizados e exteriorizados, mas que agora devem ser entendidos pelo homem como *reais e pertencentes de si próprio*, ou em outras palavras, o que não ultrapassa o sentido de humanidade, mas encontra-se incarnada e em consonância com ela.

Serrão (1998, p. 35) destaca que:

Todavia, enquanto modos de uma união sempre em particular em que as diferenças de cada um são mantidas mas não ultrapassadas, os sentimentos revelam uma forma relativa de união, mas não a forma absoluta da universalidade: o outro é um *outro eu* um *alter ego*, que permanece, tal como eu, limitado pela sua individualidade.

Lima filho (2018, p. 24) afirma que “a vida interior do homem seria compreendida como sua essência, ou seja, com seu gênero; e a vida exterior, que ocorre fora do homem vem a representar um possível diálogo, seja consigo mesmo através do pensamento ou para com o outro através da fala verbalizada.” O problema linguístico das individualidades entre o conhecimento entre “objeto sensível concreto” e “objeto sensível sentimental é também destacado por Lima filho como sendo um tema de grande relevância dentro da filosofia de Feuerbach para que seja possível compreender o verdadeiro sentido da *sensibilidade* feuerbachiana.

A superação humana pode ser observada na prática quando vemos a realização da essência do homem em geral em seus indivíduos particulares através da arte, da ciência, da filosofia que é desenvolvida pela e para sociedade. De alguma forma, todas as manifestações de realização humana, nas ciências citadas, têm como objetivo afirmar a potência dos humanos quando em conjunto pois “a complementaridade entre os seres humanos é compreendida como um modo de conseguirem a realização do que Feuerbach chama de “homem perfeito”, que é representado pelo gênero humano” (LIMA FILHO, 2018, p. 27), ou seja, a junção dos indivíduos na comunidade.

De acordo com Lima Filho (2020, p. 153) Feuerbach já em seus pensamentos juvenis, em sua tese de doutoramento intitulada *De Ratione, una, universali, infinita* (1828) já assumia que as noções universais que possuímos e são construídas pelo pensamento e absorvidas da multiplicidade do que há no mundo captado pela percepção sensível e construídos pelo pensamento das noções universais. Assim, “a potência do pensamento, que é intrínseca a sua própria natureza do conhecer, faz-se capaz de construir “como uma “reunião das semelhanças” ou “captação da essência por afinidade” entre os singulares.”

Feuerbach destaca a dimensão individual sensível humano como princípio de felicidade e autoconservação e funda a possibilidade de uma humanização da razão humana da fundação de uma nova filosofia, que está voltada para o homem e que concebe como seu “negativo” a (im)potência da individualidade para si também seu lado “negativo”, mas para que possa, através de um esclarecimento psicológico, ser

reconhecido e tratado.

Assim, afirma que:

[...] tenho em mim mesmo, em meu egoísmo em meu instinto de ser feliz, em meu sentimento de honra com o qual está em contradição a luxúria aberta a todas as impressões e acaso, tenho pois motivos suficientes para ser constante e honesto. O mesmo é válido para todas as outras virtudes ou poderes do homem, assim como a razão, vontade, sabedoria, cujo valor e realidade não se perdem para mim, não são anulados pelo fato de eu considerá-los somente como qualidades humanas (FEUERBACH, 141, p. 141).

Para Arcanjo (2019) essa lacuna existencial da necessidade do outro é entendida como pressuposto da existência humana na comunidade, visto que é somente na interrelação subjetiva que há a possibilidade do sentimento correspondido. É sobre essa perspectiva que Feuerbach desenvolverá seu conceito de eu-tu e a possibilidade de uma ética baseada num tipo de egoísmo existencial.

#### 4 A COMUNIDADE COMO HUMANIZAÇÃO DA RAZÃO

O religioso ao afirmar um outro Eu como sendo sempre o veículo que manifesta Deus, tende a desvalorizar a relação que o homem tem com o outro na sua efetividade e realidade plena no somente no que diz respeito as vivências com o Outro. Chagas (2021) também destaca que esse estranhamento ocorre também com a natureza ao observarmos a sua destruição, especialmente na modernidade, como se fosse um objeto que é externo e completamente diverso do homem.

De acordo com Assunção Martins (2016, p. 98):

Entre os diversos tópicos com os quais se pode sintetizar o pensamento feuerbachiano, o tema da integralidade parece se sobressair como uma das principais contribuições e contraposições de Feuerbach para a tradição filosófica. A própria imagem de uma encarnação da filosofia [...] traz em si a demanda por enxergar o pensamento filosófico na completude ou inteireza de suas forças, não recusando ao pensamento em geral e à concepção de homem atrelado à ela as dimensões afetivas ou sensíveis da sua relação com o mundo.

Lima Filho (2018) coloca que a questão da alteridade foi amplamente também tratada em *A Essência do Cristianismo* pois “Feuerbach ressalta a importância da esfera comunitária para o humano, fundada na ideia de que —o primeiro objeto do homem é o homem, uma vez que — [...] o fato dele ser homem deve ele ao homem”.

Serrão (2015) discute a possibilidade da relação eu-tu através da comunidade como forma de encarnação da filosofia na razão. Assim, afirma que:

Sendo todos os princípios da filosofia formulados como conjunções duplas também o princípio supremo (incondicional) da moral – a felicidade enquanto potencialização do ser – é duplicado através do sensualismo e do altruísmo e sintetizado como felicidade do Eu e do Tu, ou felicidade social (*gesellige*) e comunitária (*gemeinschaftliche*), ou ainda, noutra formulação, como conciliação e dupla implicação de egoísmo e comunismo (SERRÃO, 2015, p. 52).

Tanto as relações sociais quanto a individual são destroçadas pelo não reconhecimento do outro como um ser que também é um Eu. Assim, afirma Feuerbach (2012, p. 196-197) que “de acordo com a religião Deus atua sobre o homem também através de outras coisas e seres. Mas só Deus é a causa, o ser agente e ativo. O que o outro te faz, no sentido da religião, não é o outro que faz, mas Deus. O outro é apenas

aparência, veículo, mas não a causa”.

Lopes (2016, p. 14-15) afirma que

Há em Feuerbach a tentativa de redirecionamento do sentimento religioso para a comunidade humana. Por isso, para o lugar da religião deve entrar a política. Assim, compreendemos que o filósofo busca o resgate da comunidade que é ofuscada na religião. A sua meta é, então, positiva, na medida em que ele nega apenas para afirmar: nega a alienação do gênero e da comunidade na religião para afirmar sua efetivação na política

Ao compreender que o sentimento faz parte da essência humana e que é por ela alimentada, a perspectiva Feuerbach pretende instaurar a ideia de que o sentimento é algo que reúne os humanos e fã-los ser quem são. A essência verdadeira da religião como o amor, a felicidade, beleza permanecem como critérios universais para a realização mundana, mas seu sujeito ficcional precisa ser transformado. O que antes era compreendido em um Deus abstrato e passivo agora necessita ser compreendido como um ser humano em conjunto de forma concreta e ativa, tendendo sempre a busca pela felicidade na terra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de Feuerbach para a construção de uma filosofia da sensibilidade e incarnada que está voltada diretamente para as questões humanas tais como ética, justiça, amor, bondade devem ter como fundamento a vivência em comunidade e a efetivação destes na relação intersubjetiva. Visto a configuração metodológica e assistemática no desenvolvimento de seu desenvolvimento teórico-literário, pode-se encontrar desde a sua obra juvenil até a última, elementos que resgatam o que há de humanidade na razão ao nível do sentimento/sensibilidade com um outro real.

Os humanos em essência possuem o conhecer, o querer e o amor, onde estas instâncias atuam sobre a razão de forma trina, sem repartições. O enaltecimento de Feuerbach pela individualidade e comunidade unicamente forjados no seio das relações terrenas, propõe acima de qualquer coisa, a vivência do amor humano e não transumano.

Através da forma de interpretação do egoísmo existencial enquanto ponto central para existência humana, visto que nele se cumprem os princípios de autoconservação através da relação eu-tu e da abertura para a vivência em comunidade. Feuerbach se ocupa não somente de um egoísmo vulgar que tem como meta o desfavorecimento de outrem em prazer próprio, mas o prazer próprio sempre tendo em vista que os limites dos próprios prazeres é a individualidade do outro. A máxima feuerbachiana é invertida ao trazermos a consciência, através de um princípio terapêutico, as dificuldades humanas reais, que se fazem na relação sensível e suas complicações também linguísticas.

Sobre a encarnação e humanização da razão, percebemos a necessidade do filósofo em destacar a importância dos sentimentos em relação a imanência e não a transcendência, incondicional, imaterial ou onipotente da afetividade, mas sim, de uma afetividade que ocorre na esfera humano, onde o conceito não impera as determinações do próprio objeto em sua demonstração sensível.

Assim, concluímos que Feuerbach teve como tentativa a reconstituição do aspecto humano em seus aspectos antropológicos, ecológicos, psicológicos em que a intersubjetividade e a construção da relação humana real feita de carne osso deve ser discutida e não a vontade isolada da sensibilidade guiada através do mero pensamento abstrato. Feuerbach propõe assim a possibilidade de uma filosofia que fale o idioma

humano que nos une através da reabilitação da dimensão sensível: a afetividade.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Feuerbach e a fundação sensível da filosofia: imediatidade e mediação na relação Eu-Tu. *Kriterion*, Belo Horizonte , v. 55, n. 129, p. 247-263, June 2014 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2014000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000100014&lng=en&nrm=iso)>. access on 07 Aug. 2020. .
- ASSUNÇÃO MARTINS, Felipe. *A Encarnação da Filosofia* [manuscrito] : *Um análise da Filosofia da Sensibilidade de Ludwig Feuerbach* / Felipe Assunção Martins. - 2016. XCIX, 99 f.
- CHAGAS, E. F. O conceito de natureza na filosofia de Ludwig Feuerbach. *Trans/Form/Ação* [online]. 2021, v. 44, n. 03 [Acessado 7 Dezembro 2021] , pp. 51-68. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.04.p51>>. Epub 29 Set 2021. ISSN 1980-539X. <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.04.p51>.
- CHAGAS, E. F. A natureza como base da ética em Ludwig Feuerbach – a determinação natural da vontade. *Síntese - Rev. de Filosofia* 1. 42 4. 133, 2015a: 297-314.
- CHAGAS, E. F. A vontade é livre? Natureza e Ética em Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*. Ano 2 n. 6 Janeiro - Agosto 2015b p. 1-34.
- CHAGAS, E. F. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. *Revista Dialectus*. Ano 2. N 4. Janeiro-junho 2014. p. 78-91.
- ENGLES, F. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. Hedra Edições. Tradução de Vinicius Matteucci de Andrade Lopes. 1ª edição, São Paulo, 2020.
- FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Apresent. e trad. de Adriana Veríssimo Serrão. Edição: 5ª ed. Coordenação editorial: Fundação Calouste Gulbenkian. Editado: Lisboa, 2018. Dimensões: 210 mm x 140 mm. Capa: Encadernado. Páginas: 479 p. Título Original: Das Wesen des Christentums. ISBN: 978-972-31-0958-0
- FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão, Editora Vozes, 3ª edição. Petrópolis, RJ, 2012.
- FEUERBACH, L. *Preleções sobre a Essência da Religião*. Tradução de José da Silva Brandão, Editora Vozes, 3ª edição. Petrópolis, RJ, 2009.
- HARTMANN, P. A. Feuerbach e o ateísmo antropológico. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *Mestrado em Filosofia*. Orientador: Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre, 2012.
- LIMA FILHO, E. ontologia de la singularidade y el problema del lenguaje em Ludwig Feuerbach: para uma lectura de Zur Kritik Hegelschen Philosophie (1839). *Revista El Arco El Lira*, 2018. p.19-33.
- LIMA FILHO, E. Comentário a “o conceito de natureza na filosofia de Ludwig Feuerbach”. *Revista Trans/form/ação*, Marília, v. 44, n 3, p. 69-80, jul/set, 2021. p. 69-80.
- LIMA FILHO, E. Elementos para uma reflexão política em Feuerbach: uma aproximação inicial ao problema. *Revista Reflexões*, Fortaleza – CE – Ano 7, Nº 13 – Julho a Dezembro de 2018. ISSN 2238-6408.
- LIMA FILHO, J. E. *Antropologia, ética e política em A essência do Cristianismo de Ludwig Feuerbach*. 147 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/21856>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- LOPES, JORGE LUIS CARNEIRO. COMUNIDADE ILUSÓRIA E COMUNIDADE REAL EM FEUERBACH. 2016. 87 f. *Dissertação* (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2016) - Universidade Estadual do Ceará, , 2016. Disponível em: <<http://sidadece.uece.br/sidadece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84669>> Acesso em: 12 de novembro de 2021
- LOPES, R. W. *Antropologia e Moral em Ludwig Feuerbach: sobre felicidade e liberdade* / Rafael Werner Lopes / Porto Alegre, RS - Editora Fi, 2014.
- MELO, Regiane Gomes. Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada. *Intuição*. ISSN 1983-4012. Porto Alegre Vol.4 –Nº. 2 Novembro 2011 p.224-236. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicao/article/view/9685>
- SERRÃO, A. V. Ser e Agir: para uma articular entre antropologia e ética em Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*. Ano 2. N. 6. Janeiro-agosto 2015. p.47-59.
- SERRÃO, A. V. A essência da religião em geral: uma análise da Introdução a *Das Wesen des Christentums* de Ludwig Feuerbach. *Ensaios Filosóficos*, Volume X – Dezembro, 2014.

- SERRÃO, A. V. *A humanidade da razão : Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Fundação Calouste Gulbenkian. Braga, Portugal, 1998.
- SILVA, M. O. Por uma autópsia do sagrado: o anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche. Marcos de Oliveira Silva. 224 f. *Dissertação* (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.
- SOUSA, André Luís Bonfim. Questão de método em Ludwig Feuerbach: da carta a Karl Riedel aos princípios da filosofia do futuro. 2013. 105 f. *Tese* (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SOUZA, Drainton Gonzaga de. Feuerbach e a questão do livre-arbítrio: acerca de pressupostos filosóficos do direito penal. *Revista de Estudos Criminais*. v.11, n.50, p.45-60, 2013. Disponível em:
- SOUZA, Drainton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach* / Drainton Gonzaga de Souza. – Porto Alegre, 2<sup>o</sup> ed. 1994. 84 p. Diss. (Mestrado) – PUCRS.
- ZILLES, U. *Filosofia da Religião* / Urbano Zilles. – São Paulo : Paulus. 4<sup>a</sup> edição, 2002.

## NOTAS

- 1 Cf. Feuerbach (2018, p. 42-43): “O entendimento é em nós a essência neutral, apática, incorruptível, que não se deixa cegar - a luz pura e sem emoções da inteligência. O entendimento é a consciência categórica e imparcial da coisa como coisa, porque ele próprio é de natureza objectiva, é a consciência do que é sem contradição, porque ele próprio é unidade sem contradição; é a fonte da identidade lógica, a consciência da lei, da necessidade, da regra, da medida, porque ele próprio é actividade segundo leis, é a necessidade da natureza das coisas como auto-actividade, a regra das regras, a medida absoluta, a medida das medidas (*sic*)”.
- 2 Cf. Lopes (2016, p. 20): Feuerbach identifica a filosofia especulativa, em especial a filosofia hegeliana, com a teologia. Essa identificação é visível em obras como *Para a Crítica da Filosofia de Hegel* (1839), *Teses provisórias para a Reforma da Filosofia* (1842) e *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843).
- 3 Cf. Serrão (1998, p. 43-44) “o género (*sic*) humano não é uma totalidade somativa de indivíduos, mas a essência sumativa dessa mesma totalidade, permanece indiferente à multiplicidade quantitativa dos singulares e não se enriquece a partir da diversidade qualitativa dos seus membros”
- 4 Optou-se pela utilização do termo “sensibilidade”, por ser destacada por Serrão (1998) como uma das melhores formas de tradução para português, onde o sentido fique o mais aproximado possível com o original em alemão *sinnlichkeit*. No entanto, outras traduções também podem ser encontradas com o uso da palavra sensorialidade, utilizado por José da Silva Brandão na edição brasileira da editora Vózes.
- 5 Cf. Feuerbach (2012, p. 13): “Neste livro [a essência do cristianismo] não se tornam as imagens da religião nem pensamentos – pelo menos no sentido da filosofia especulativa da religião – nem realidades, mas são consideradas como imagens – i. e., a teologia não é tratada nem como uma pragmatologia mística, com o é pela mitologia cristã; nem como ontologia, como o é pela filosofia especulativa da religião, mas como uma *patologia psíquica*.”
- 6 Cf. Serrão (1998, p. 206-207) “A crítica da subjetividade moderna que Feuerbach leva a cabo incide neste contexto sobre o seu carácter egológico. Nas figuras da subjetividade solitária ou da mônoda auto-suficiente, o solipsismo do eu pensante nunca é verdadeiramente ultrapassado, permanecendo isolado e carente da relação concedendo ao outro homem o estatuto de um segundo e derivado do próprio eu”.
- 7 Cf. Feuerbach (2012, p. 58-59): “o homem – e é este o segredo da religião – objetiva a sua essência e se faz novamente um objeto deste ser objetivado, transformado em

sujeito, em pessoa; ele se pensa, é objeto para si, mas como objeto, de um outro ser.

8 Cf. Feuerbach (2012, p. 139): “Por questões subjetivas é a oração comunitária mais eficaz do que a individual. Comunidade aumenta o poder da afetividade, eleva a autoconfiança. O que não se consegue a sós, consegue-se com outros. Sentimento de solidão é sentimento de limitação; sentimento de comunidade é sentimento de liberdade. Por isso os homens se agrupam quando ameaçados por poderes naturais [...]”

9 Cf. Feuerbach (2009, p. 65-66) “Entendo por egoísmo o egoísmo necessário, imprescindível, que, como foi dito, não é o moral mas o metafísico, isto é, fundado na essência do homem sem o seu saber e querer, o egoísmo sem o qual o homem não pode viver; por que para viver devo apropriar-me constantemente do que me é conveniente e evitar o que me agride e me é nocivo, o egoísmo, pois, que está no organismo, na posse do material assimilável e na recusa do não assimilável. Entendo por egoísmo o amor do homem por si mesmo, ou seja, o amor pela essência humana, o amor que é impulso para a satisfação e aprimoramento de todos os anseios e talentos, sem cuja satisfação e aprimoramento ele não será nem poderá ser um homem verdadeiro, completo”.